





Diversidade em situação de rua: vivências e opressões

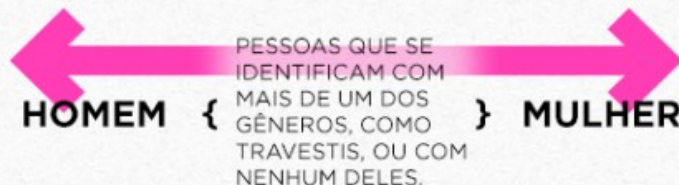
Fonte: <http://paradasp.org.br/wp-content/uploads/2016/05/parada-lgbt-sp.jpg>

1. Conceitos básicos e matriz teórica (Teoria *Queer*)



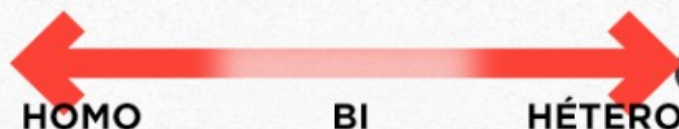
IDENTIDADE DE GÊNERO

É a maneira com você se enxerga; o gênero que se identifica como fazendo parte.



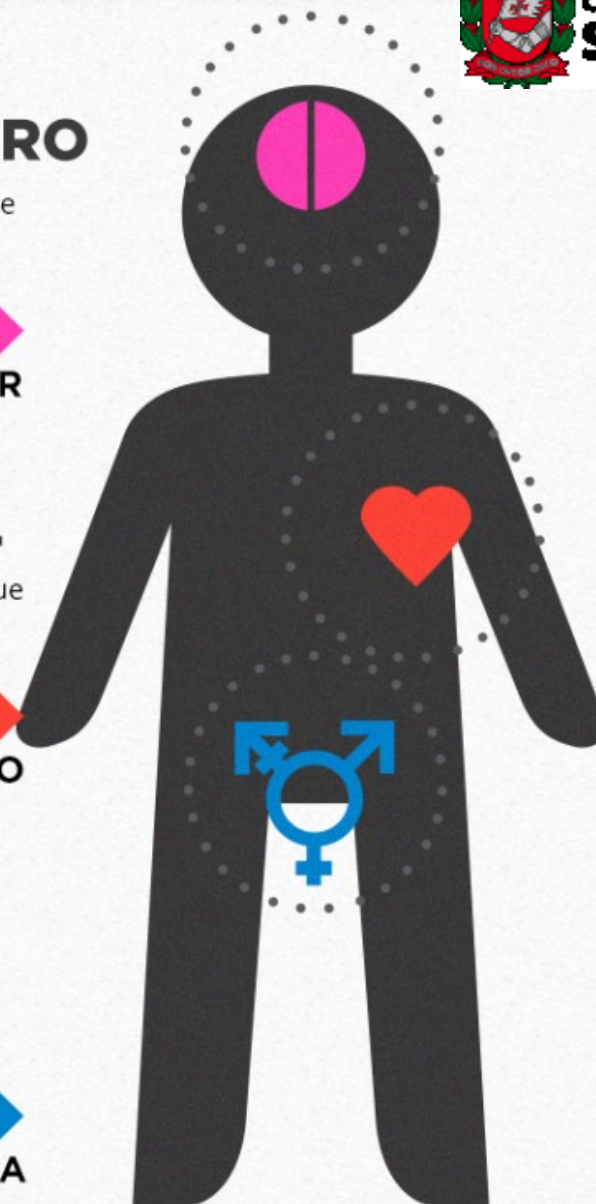
ORIENTAÇÃO SEXUAL

Indica pelo que você sente atração. Mostra pra que lado sua sexualidade está orientada.



SEXO BIOLÓGICO

É sua genitália e cromossomos quando você veio ao mundo.



Orientação sexual

Refere-se a como a pessoa se relaciona sexual e afetivamente. Pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual.

Heterossexual

Sente atração e/ou tem relacionamento emocional, afetivo ou sexual com uma pessoa do sexo diferente

Homossexual

Sente atração e/ou tem relacionamento emocional, afetivo ou sexual com uma pessoa do mesmo sexo

Lésbica

Mulher que sente atração e/ou tem relacionamento emocional, afetivo ou sexual com outra mulher

Gay

Homem que sente atração e/ou tem relacionamento emocional, afetivo ou sexual com outro homem

Bissexual

Pessoa que sente atração e/ou tem relacionamento emocional, afetivo ou sexual tanto com homens quanto com mulheres.



Identidade de gênero

Diz respeito a como a pessoa se sente, o que pode corresponder ou não ao sexo biológico. A identidade de gênero pode ou não envolver modificação da aparência. Pode ser masculina, feminina ou transitar entre as duas.

Mulher transexual

Nasceu do sexo masculino, mas se identifica com o gênero feminino independentemente de ter feito operação de mudança de sexo

Homem transexual

Nasceu do sexo feminino, mas se identifica com o gênero masculino independentemente de ter feito a operação de mudança de sexo

Travesti

Quem não se identifica com o sexo biológico, mas, ao contrário da pessoa trans, não necessariamente se vê como outro gênero

Cisgênero

Quem não tem conflito com a identidade de gênero e se sente confortável com a imagem biológica

Fonte: Ministério da Saúde e Secretaria do Trabalho, Desenvolvimento Social, Mulheres, Igualdade Social e Direitos Humanos.

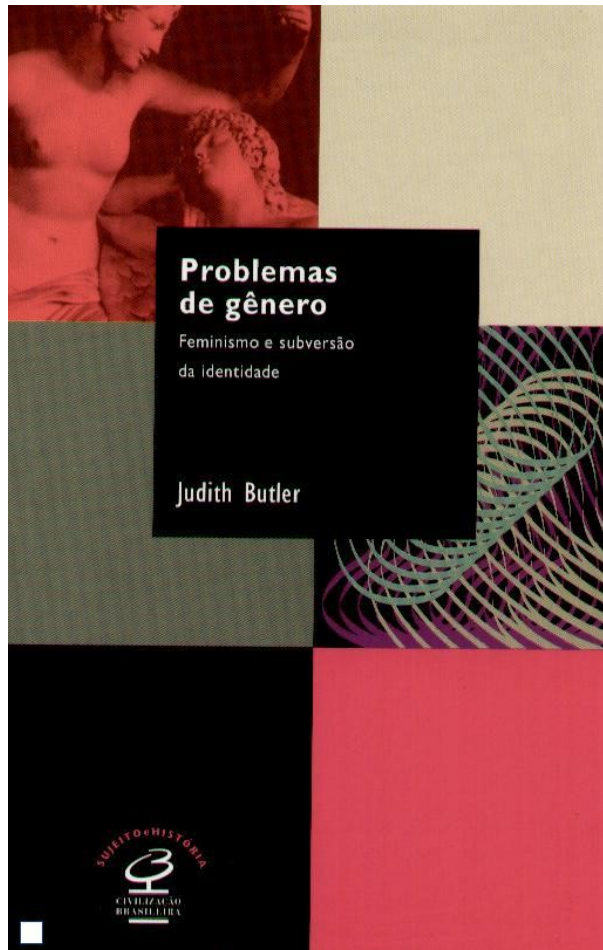
O que é a *Teoria Queer*?

Teoria Queer é uma linha teórica de estudos de gênero que tem como marco principal a publicação em 1990 do livro ***Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*** (originalmente ***Gender trouble: feminism and the subversion of identity***) pela filósofa americana e professora de Literatura Comparada da Universidade de Berkeley, Califórnia, **Judith Butler**.

O que significa a palavra *queer*?

Segundo o dicionário Michaelis, o termo *queer* pode ser traduzido para o português como: **esquisito; ridículo; adoentado**. O termo *queer* também é usado em língua inglesa para definir homossexuais, de forma pejorativa.

Problemas de gênero e Judith Butler



Na obra, Butler pretende problematizar a questão do gênero, partindo do pressuposto de que a divisão binária entre feminino e masculino não é um dado natural.

O principal referencial teórico de Butler é **Michel Foucault**, e a autora se propõe a fazer uma *genealogia do gênero*, refutando de início as teorias essencialistas, que associam gênero aos órgãos sexuais, bem como valer-se da filosofia da linguagem.

No Primeiro Capítulo, a autora inicia se questionando quem é sujeito do feminismo. Sujeitos do feminismo são as **mulheres**, mas o que é uma mulher? **O que faz de um ser humano mulher?**

Butler critica que o pensamento feminista de então (1990) não possua um sujeito determinado e é, por isso, excludente e politicamente problemático.

Para Butler, em um dado momento histórico houve a politização dos corpos, que, naturalmente, não são ‘homens’ ou ‘mulheres’ – esses conceitos são tão artificiais quanto os gêneros ‘masculino’ e ‘feminino’. Nesse sentido, os sexos, identificados pelos genitais, são tão artificiais e políticos quanto os gêneros. Butler fala das mulheres transexuais, por exemplo.

A autora entende que **o gênero não forma a identidade**, partindo da célebre frase de Simone de Beauvoir de que não se nasce mulher, mas torna-se uma.

Aqui, Butler já começa a delinear as conclusões a que chegará no Terceiro Capítulo, e sua conceituação de **gênero como performativo**.

No Segundo Capítulo, Butler pretende entender como é formada a identidade masculina/feminina. Para isso, trava um debate com a psicanálise de **Freud, Lacan e Julia Kristeva** (discípula feminista de Lacan), e com a antropologia de **Lévi-Strauss**.

A autora problematiza, então, o tabu da vedação ao incesto na psicanálise (em Freud, *Totem e tabu*, e em Lacan, na construção do Simbólico), e na antropologia estrutural francesa (passagem do estado de natureza para o estado de cultura em Lévi-Strauss).

Para Butler, antes mesmo da formação do tabu cultural de vedação ao incesto forma-se o tabu da heterossexualidade compulsória, politizando os corpos como instrumentos de uma economia de reprodução por meio da lei.

A vedação ao incesto e as regras de exogamia e trocas de mulheres na antropologia são desenvolvimentos posteriores de uma primeira (e implícita) repressão cultural ao desejo entre iguais.

No Terceiro Capítulo, Butler discutirá a subversão dos conceitos rígidos de gênero, fundados no binário masculino-feminino, partindo de **Julia Kristeva**, **Monique Wittig** e da análise de **Michel Foucault** sobre Herculine Babin.

Butler também trabalha, aqui, com *drag queens*, lésbicas ‘masculinizadas’, gays ‘afeminados’ e sua relevância para o feminismo.

Para Butler, há uma imposição dos gêneros e da respectiva construção social, e todos aqueles que fogem do binômio feminino-masculino são considerados desviantes.

Por outro lado, o discurso radical de superação do gênero e destruição das categorias ‘homem’ e ‘mulher’ e da imposição da heterossexualidade compulsória (Monique Wittig) não só traz um viés utópico, como também parece subverter a compulsoriedade heterossexual pela opção política da homossexualidade (lesbianismo político).

Se há uma politização histórica dos corpos, é porque o desejo sexual foi reprimido e compulsoriamente limitado aos seios, pênis e vagina. Mais ainda, há papéis sociais de gênero tidos como naturais decorrentes da posse desses órgãos genitais (homem/mulher). Citando Foucault, **“a alma é a prisão do corpo”**.

Porém, há algumas rupturas práticas com esse discurso, por exemplo com as *drag queens*, que são representações ‘bizarras’ de um gênero, o qual, por sua vez, já é uma representação de um ideal social.

Essas rupturas, porém, não significam, como defende Wittig, a destruição dos conceitos de gênero, mas a sua subversão – romper definitivamente com os conceitos de gênero seria algo utópico, de muito difícil concretização.

A história de Herculine Babin demonstra a dificuldade em se romper com a força dos papéis sociais de gênero: Butler critica a leitura romântica de Foucault da história de Babin, deixando claro o seu sofrimento pessoal que culminou em seu suicídio – o sofrimento em não se saber e não se entender nem homem e nem mulher.

Aqueles que rompem e que ‘passeiam’ entre os gêneros, contudo, são subversivos e o fazem por meio da paródia/pastiche de gênero. *Drag queens*, cross-dressers e lésbicas femininas/masculinas não deveriam ser objeto de crítica (como o são para algumas linhas feministas) porque não são uma degradação da mulher ou apropriação acrítica da heterossexualidade; para Butler, trata-se de algo muito mais complexo, pois se o gênero já é algo construído, não se trata de *imitação*, pois não se imita algo que já é *imitado de um conceito artificial*. Por isso, essas figuras representam a subversão pelo pastiche.

O conceito de **gênero performativo** parte então da ideia de **gênero como o somatório da repetição de comportamentos socialmente praticados ao longo da história**.

Esses comportamentos devem ser compreendidos a partir do tabu de vedação ao incesto e de seu pressuposto, a vedação à homossexualidade e a heterossexualidade compulsória.

Aqueles que rompem e que ‘passeiam’ entre os gêneros, contudo, são subversivos e o fazem por meio da paródia/pastiche de gênero. *Drag queens*, cross-dressers e lésbicas femininas/masculinas não deveriam ser objeto de crítica (como o são para algumas linhas feministas) porque não são uma degradação da mulher ou apropriação acrítica da heterossexualidade; para Butler, trata-se de algo muito mais complexo, pois se o gênero já é algo construído, não se trata de *imitação*, pois não se imita algo que já é *imitado de um conceito artificial*. Por isso, essas figuras representam a subversão pelo pastiche.

O conceito de **gênero performativo** parte então da ideia de **gênero como o somatório da repetição de comportamentos socialmente praticados ao longo da história**.

Esses comportamentos devem ser compreendidos a partir do tabu de vedação ao incesto e de seu pressuposto, a vedação à homossexualidade e a heterossexualidade compulsória.

“Em que sentidos, então, seria o gênero um ato? Como em outras dramatizações de rituais sociais, a ação do gênero requer uma performance que seja *repetida*. Essa repetição é ao mesmo tempo reencenação e reexperiência de uma sorte de significados já antes socialmente estabelecidos; e é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. Apesar de haver corpos individuais que encenam essas significações por se tornarem estilizados sob formas de gênero, essa ‘ação’ é uma ação pública. Há dimensões temporal e coletiva dessas ações, e seu caráter público não é sem consequência; com efeito, a performance se concretiza com o objetivo estratégico de manter o gênero dentro de sua moldura binária – um objetivo que não pode ser atribuído ao sujeito, mas que deve ser entendido como fundante e consolidador do sujeito (*Gender trouble...*, p. 140; tradução livre)”.

CIS-HETERONORMATIVIDADE

“cis” vem de *cisgênero* e se refere à condição de cisgeneridade

CIS-HETERONORMATIVIDADE

“hetero” vem de *heterossexual* e se refere à orientação sexual heterossexual

“normatividade” vem de *normativo*, e se refere às normas (regras), pontuando a condição de cisgênero e de heterossexual como situações ideais, corretas e, portanto, normais (e qualquer forma diferente disso como anormal)

“[...] o gênero, enquanto organizador da cultura, e em articulação com sexualidade, modula o modo heteronormativo de como homens e mulheres “devem” se comportar, como seus corpos podem se apresentar e como as relações interpessoais podem se constituir, nesses domínios.

A heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade. De acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas – e apenas duas – possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho”

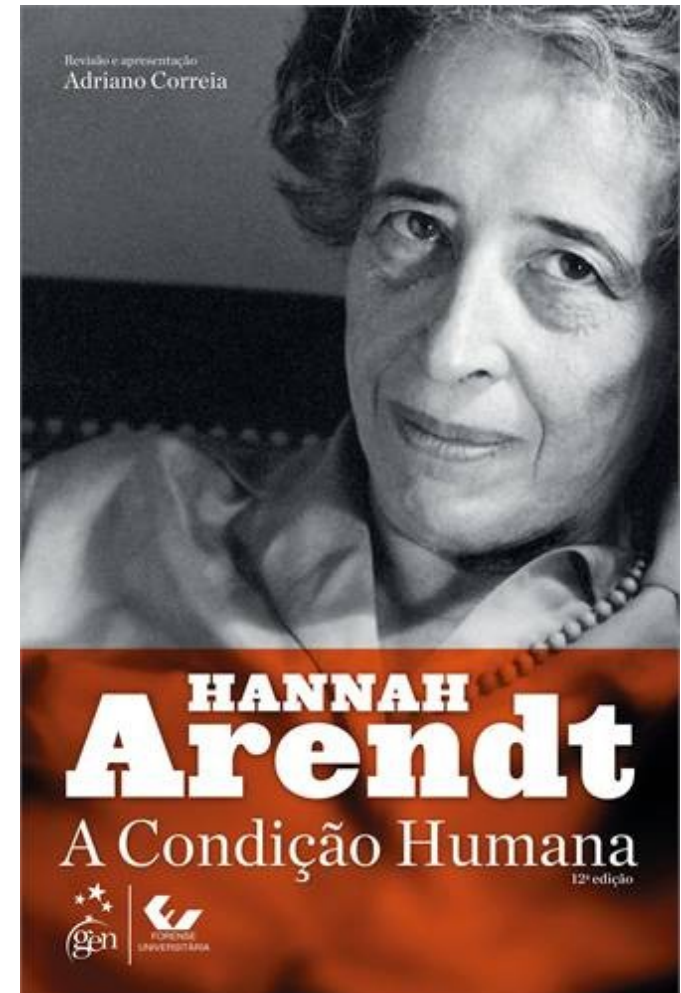
PETRY, Analídia R.; MEYER, Dagmar E. E. *Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa*. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/7375/6434>

“Os discursos da diferença sexual dão suporte, a partir de um discurso científico, ao julgamento das condutas. Por essa concepção, a mulher e o homem são portadores de diferenças irrelativizáveis. Da espessura da pele, ao tamanho do crânio, da estrutura psíquica aos complexos, tudo é diferença. A refinada engenharia da diferença sexual esquadrinhou os corpos com o objetivo de provar que não há nada em comum entre o feminino e o masculino. O único momento de encontro possível aconteceria no ato sexual. A heterossexualidade, portanto, seria uma expressão natural e normal dos corpos.

Pensar a heterossexualidade como um regime de poder significa afirmar que longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, inscreve-se reiteradamente através de constantes operações de repetição e de recitação dos códigos socialmente investidos como naturais. O corpo-sexuado e a suposta ideia da complementaridade natural, que ganha inteligibilidade através da heterossexualidade, é uma contínua e incessante materialização intencionalmente organizada, condicionada e circunscrita pelas convenções históricas que se apresenta como a história”.

2. Os conflitos e a LGBTfobia dentro de casa: a rua como alternativa

“A segunda importante feição não privativa da privatividade é que as quatro paredes da propriedade particular de uma pessoa oferecem o único refúgio seguro contra o mundo público comum – não só contra tudo o que nele ocorre mas também contra sua própria publicidade, contra o fato de ser visto e ouvido. Uma existência vivida inteiramente em público, na presença de outros, torna-se, como diríamos, superficial. Retém a sua visibilidade, mas perde a qualidade resultante de vir à tona a partir de um terreno mais sombrio, terreno este que deve permanecer oculto a fim de não perder sua profundidade num sentido muito real e não subjetivo. O único modo eficaz de garantir a sombra do que deve ser escondido contra a luz da publicidade é a propriedade privada – um lugar só nosso, no qual podemos nos esconder” (p. 81).



“O papel primordial da regra de respeito aos mais velhos era o valor à autoridade, só que num sentido autoritário, pois **a horizontalidade nas trocas intersubjetivas era interpretada como ameaça à ordem,** e a reação dos adultos era de indignação. A proposta dialógica de educação familiar era percebida como tentativa de retirar a autoridade parental, e a crítica à violência dela, era vista como ameaçando o poder e competência das famílias”.

3. O Censo da População em Situação de Rua na Municipalidade de São Paulo – 2015

“Este é um tema novo introduzido nesta pesquisa, com o objetivo de verificar a proporção de pessoas com diferentes orientações sexuais nessa população. Em se tratando de assunto ainda considerado de difícil abordagem, foram formuladas duas questões. A primeira, com a intenção de introduzir o assunto de forma natural serviu para efetuar o levantamento de quantos fazem sexo seguro, usando preservativo, e de quantos não fazem sexo. [...]

A segunda pergunta, referente à orientação sexual visava conhecer a proporção das pessoas em situação de rua que constituem as minorias que, via de regra, são discriminadas ou sofrem abusos nas ruas e nas instituições, em evidente desrespeito à liberdade individual e aos direitos humanos. Outro problema que levou à formulação da questão é a presença, nos serviços de acolhida, daqueles que não se identificam com o sexo biológico e muitas vezes não são respeitados em sua orientação sexual.

A pergunta foi formulada de forma simples, para saber se o entrevistado se considera heterossexual, homossexual, bissexual ou transexual. Para muitos dos entrevistados, a pergunta causou estranheza e foi necessário explicar o significado dos termos utilizados”.

Tabela 10.1 - Orientação Sexual dos Acolhidos

Orientação sexual	Frequência	%	% válidas
Heterossexual	7.544	92,6	93,2
Homossexual /gay/lésbica	314	3,9	3,9
Bissexual	119	1,5	1,5
Transexual	90	1,1	1,1
Outro	27	0,3	0,3
Total - válidos	8.094	99,3	100,0
NR	53	0,7	
Total	8.147	100,0	

Fonte: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/censo/1862%20-%20PRODUTO%209%20-JUL%2015.pdf

Tabela 10.2 - Orientação sexual por faixa etária

Orientação sexual	Faixa etária				Total
	Até 30 anos	31 a 40	41 a 49	50 ou mais	
Heterossexual	1421	1891	1686	2533	7531
	18,9%	25,1%	22,4%	33,6%	100,0%
Homossexual	124	112	35	43	314
	39,5%	35,7%	11,1%	13,7%	100,0%
Bissexual	37	32	33	18	120
	30,8%	26,7%	27,5%	15,0%	100,0%
Transexual	41	40	0	9	90
	45,6%	44,4%	0,0%	10,0%	100,0%
Outro	0	13	0	14	27
	0,0%	48,1%	0,0%	51,9%	100,0%
Total	1623	2088	1754	2617	8082
	20,1%	25,8%	21,7%	32,4%	100,0%

Tabela 10.1 - Orientação Sexual dos Moradores de Rua

Você se considera			
Resposta	Frequência	%	% válidas
Heterossexual	5.461	91,7	93,0
Homossexual /gay/lésbica	188	3,2	3,2
Bissexual	152	2,6	2,6
Transexual	56	0,9	0,9
Outro	13	0,2	0,2
Total – válidos	5.870	98,6	100,0
NR	84	1,4	
Total	5.954	100,0	

Fonte: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/censo/1862%20-%20PRODUTO%209%20-JUL%2015.pdf

Tabela 10.2 - Orientação Sexual Por Faixa Etária

Orientação sexual	Faixa etária				Total
	Até 30 anos	31 a 40	41 a 49	50 ou mais	
Heterossexual	971	1792	1326	1351	5440
	17,8%	32,9%	24,4%	24,8%	100,0%
Homossexual /gay/lésbica	82	67	39	0	188
	43,6%	35,6%	20,7%	0,0%	100,0%
Bissexual	64	50	22	16	152
	42,1%	32,9%	14,5%	10,5%	100,0%
Transexual	32	16	0	8	56
	57,1%	28,6%	0,0%	14,3%	100,0%
Outro	7	7	0	0	14
	50,0%	50,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Total	1156	1932	1387	1375	5850
	19,8%	33,0%	23,7%	23,5%	100,0%

“Em vários aspectos a população LGBT parece viver numa situação mais precária do que a heterossexual: há mais pessoas da população LGBT exercendo a mendicância e atividades marginalizadas (prostituição, venda de drogas e roubos).

As condições de saúde são mais precárias no grupo LGBT. O número de doenças que os afetam é maior do que entre os heterossexuais e há indícios de que seja maior a proporção de portadores de HIV e tuberculose. No entanto, o grupo LGBT procurou os serviços de saúde recentemente (nos últimos meses) em maior proporção do que o grupo heterossexual. Apesar de parte do grupo LGBT ser considerado um grupo de risco, o uso de preservativo nas relações sexuais é irregular, especialmente na rua.

A incidência de uso de drogas na população LGBT se apresenta maior do que na população heterossexual, principalmente na rua.

Em relação ao histórico institucional observa-se que, no grupo LGBT que vive na rua, há uma maior incidência de pessoas que passaram por instituições, especialmente pelo sistema penitenciário. De um modo geral, tanto entre os acolhidos como entre os moradores de rua, a população LGBT parece sofrer mais agressões do que a heterossexual”.

Quadro 4: Dados comparativos do grupo LGBT em relação aos heterossexuais, acolhidos e rua

Fonte: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/censo/SUMARIO%20EXECUTIVO.pdf

Variáveis	Acolhidos		Rua		Total	
	LGBT	Hetero	LGBT	Hetero	LGBT	Hetero
Idade Média (anos)	36,1	43,7	33,1	41,5	34,8	42,8
Exercício atividades marginalizadas						
Alguma atividade marginalizada	26%	3%	28%	7%	27%	5%
Mendicância	17%	7%	39%	29%	26%	16%
Prostituição/Programa	20%	1%	20%	2%	20%	1%
Venda de drogas	9%	1%	4%	3%	7%	2%
Roubo/assalto	4%	2%	11%	5%	7%	3%
Saúde						
Número médio de doenças	3,2	2,1	3,6	2,2	3,4	2,2
Procurou serviço saúde últimos 3 meses	96%	80%	72%	58%	86%	71%
Uso de preservativo sempre	50%	59%	37%	50%	44%	55%
Uso de drogas ilícitas						
Consome drogas	32%	28%	82%	51%	53%	38%
Usa crack	11%	12%	54%	33%	29%	21%
Usa maconha	19%	19%	57%	32%	35%	24%
Usa cocaína	16%	10%	27%	21%	21%	15%
Internação em instituições						
Passou por alguma instituição	53%	54%	82%	63%	66%	57%
Passou pelo sistema prisional	18%	29%	54%	39%	34%	33%
Discriminação e violência						
Foi barrado em lugares públicos	41%	24%	54%	39%	46%	30%
Sofreu agressão verbal	76%	54%	79%	70%	77%	60%
Sofreu agressão física	55%	36%	69%	49%	61%	42%
Sofreu tentativa de homicídio	17%	16%	42%	23%	28%	19%
Sofreu abuso/violência sexual	26%	3%	23%	4%	25%	3%
Roubo/furtos	79%	58%	69%	66%	75%	62%
Remoção forçada	23%	25%	54%	37%	36%	30%

Obrigado!